

Gaiato



Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO IX N.º 213 Preço 1000



Aqui, LISBOA!

Comecei esta crónica em Sexta-feira, Santa. Ninguém se admira de sair tão chorada, apesar de ter já passado a Páscoa. Estes gemidos têm sete dias por semana, por isso não conhecem aleluias de Ressurreição.

Depois duns momentos em S. Domingos onde se desenrolavam as comemorações da paixão do Pobre—tenho sêdel Pai, porque me abandonaste?—dirigi meus passos para o calvário das Curraleiras donde provinham gemidos tão dolorosos, tão maguados e tão discretos, que não pude deixar de os atender. O primeiro era duma filha de família numerosa. «Padre, somos doze irmãos, como pode ver pela fotografia que junto envio. O paizinho caiu doente, os irmãos mais velhos ganham pouquinho e vejo os pais muito aflitos. Ajude nos se puder».

Fui ver. Deve ter sido família opulenta outrora. Há vestígios disso nos dois compartimentos que a Misericórdia lhes cedeu. O Pai não estava, tinha ido para o trabalho. «Ele não tinha recursos para estar doente!!!»

Isto é verdade: temos encontrado tuberculosos em último grau, que não podem dar-se ao luxo de estarem doentes.

A situação destas famílias numerosas, há muito que reclama uma solução que nunca mais chega. Sem o recurso de bens herdados, sem abono de família nem garantias de espécie alguma, o seu gemido brada aos céus. Por isso aqui o registamos. Para onde havemos nós de ir? Outro clamor, nós no centro doutra curraleira que vai ser riscada da carta de Lisboa. Junto duma auto-estrada, não dizem bem de facto, como afinal em parte nenhuma, umas dezenas de choças. A Câmara vai deitar abaixo. Muito bem! Também eu mandei deitar abaixo a choça da cocha para que ninguém tivesse a tentação de nela se anichar; mas primeiro ouvimos o «bendito seja Deus que ainda há no mundo quem se lembre dos Pobres!» Ora não foi esse grito de libertação que ali ouvimos, mas sim um estoico para onde havemos nós de ir?...

Não é fácil ir para pior; que pode haver pior que uma simples chapa de lata encostada à penedia, onde se abrigavam uns velhinhos?

Que saudades pode ter da sua casa um pobre homem que pernoita numa ex-coelheira de metro e meio de comprimento por quatro palmos de alto, abrigado do vento norte por uma rede de arame? Não será necessário abrir contrato com empreiteiros para demolir esta outra casa composta de dois caixotes, um aos pés outro à cabeça, coberto por uma serapilheira, onde uma mulher se abraça com os filhos.

—Isto como se chama? perguntei.

—Ora essa! Não vê que é uma casa, respondeu ela.

—E levantando a ponta do saco, mostrou uns riscos de giz:

—Veja aqui o número: é o 111!

Quem se sujeita a viver nestas casas é porque não tem outra coisa melhor. Fica pois de pé a justiça deste segundo clamor: para onde havemos nós de ir?

Faça nos uma teoria. Finalmente terceiro gemido veio até aos nossos ouvidos neste dia de Paixão. Saiu da boca dum pobre saloio que interpreta o sentir de todos os seus irmãos. Temos percorrido o caminho Tojal-Lisboa a todas as horas da noite. Nunca cruzamos na estrada com menos de uma dúzia de carroças e camionetas das que levam às praças de Lisboa, os produtos agrícolas da região. Depois dum dia de trabalho, uma noite perdida. Três horas pelo menos para cada viagem de ida ou volta. Até os animais aprenderam as regras de trânsito, e por isso os donos podem deixar-se dormir no banco de tábuas. Gente de sacrifício, de trabalho e de resignada paciência, estes saloios, bem dignos de melhor sorte.

Tudo se justificaria se os preços da praça compensassem; mas não. Há dois meses pelo menos que a desilusão tem sido completa.

O fazendeiro entra na praça às quatro da manhã para descarregar e arrumar até às seis. A essa hora abre o mercado que fecha para eles às oito. Um quarto de hora depois entra a fiscalização para autoar quem não tiver o lugar desimpedido. Já temos pago várias multas por tal motivo. Mas como se há-de vender, se as contratadeiras se combinam para não adquirirem a hortaliça senão no último minuto? O pobre trabalhador vê-se forçado a deitar fora todo o produto do seu suor, ou vender ao desbarato.

Resultado: a receita não cobre sequer a despesa. Mas alguém ganhou: foram aqueles e aquelas que trazem os dedos cheios de anéis. O povo de Lisboa, não.

Se nós temos uma defesa, tal não acontece com o fazendeiro. Durante um mês as vacas, os suínos, as galinhas, patos e mais bicharada tinham diante tanta fartura que já deitavam couves e grelos pelos olhos. Assim se perderam dezenas de carradas que em tempos normais renderiam 300\$ cada. Ti hamos a consciência de estar a cometer um crime económico e social, pois naquela mesma hora muitos estariam na cidade a chorar com fome. Por culpa de quem?

Foi nestes apuros que alguns me procuraram: a gente não tem quem nos defenda. Faça-nos uma teoria.

Padre Adriano

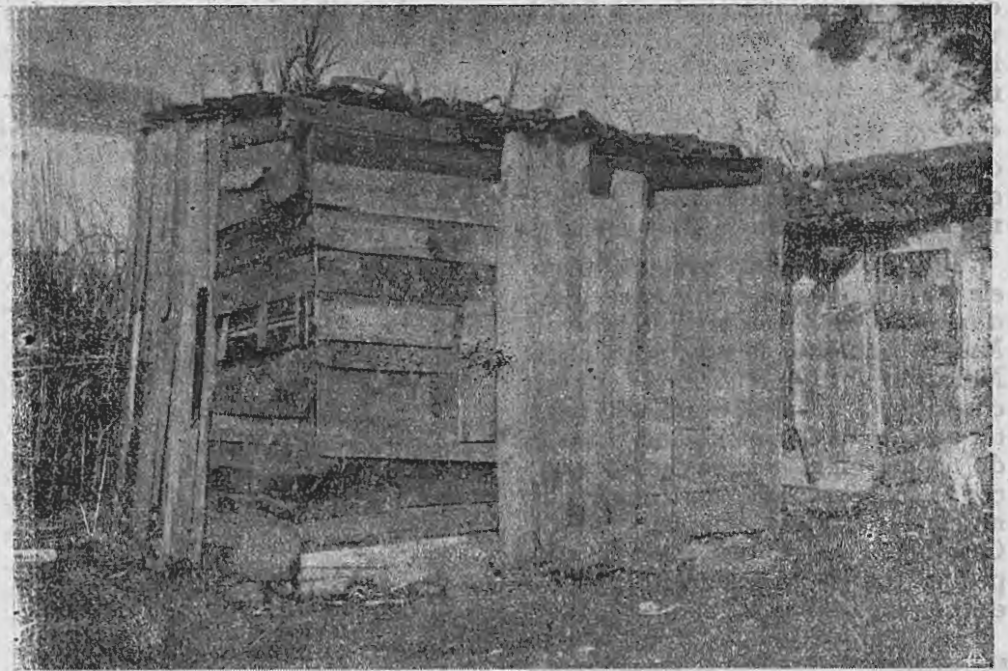
PATRIMÓNIO DOS POBRES

Acabo agora mesmo de chegar do lugar de Ribas, freguesia de Lagares, aonde uma casa do Património está quase no fim. Fui levado pelas instancias de um indigente, que por vezes me vem pedir: *livre-me se puder*. E conta-me dos filhos que tem e da cortelha aonde fica: *eu não aguento o fedor!*

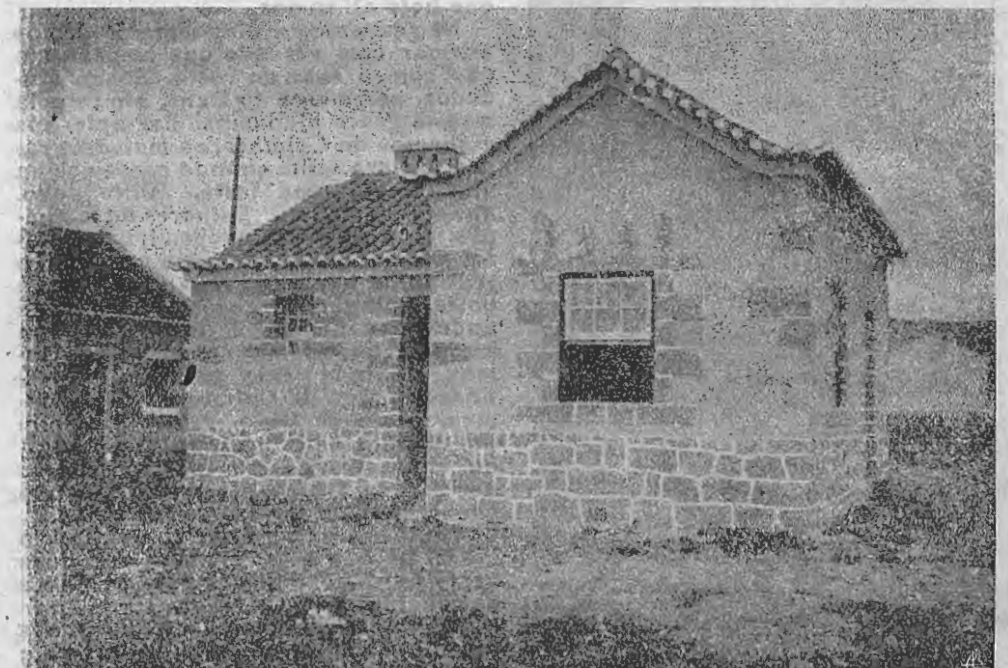
Não tive mão em mim que não fosse ver. Estava a cortelha, que tem 4.m² de espaço e consta de três partes. A um canto, dividido por estacas, dormem 8 ovelhas. A um outro, uma grade de coelhos e sobre ela o berço duma criança; e no outro canto, dorme o casal.

Respiram ali durante a noite e à porta fechada, 8 ovelhas, 5 coelhos, uma criança e dois adultos, daí o *eu não aguento o fedor*. Quando me vim embora, já estava povo. *Eles até ganham doenças*, diziam-me. Não. Não ganham. Nós é que as temos; e a maior de todas é não compreender este mal... Ponto final? Não. Esta história não poderia jamais acabar assim. O *Gaiato* não é um jornal como os outros. Nós resolvemos e damos a alegria das resoluções; dentro de algumas semanas, aquela criança terá o que merece e os seus pais também e as ovelhas mai-los coelhos, também.

—|||—



Isto era no Tojal, aonde a Ti Maria Coxa morava



Isto é no Tojal aonde a Ti Maria Coxa mora

ISTO É A CASA DO GAIATO

*** Os cozinheiros são *portistas* e daí entenderam-se com um carpinteiro da mesma cor, o qual desatou a fazer caixilhos e hoje as paredes da cozinha, são uma exposição.

Os azes, os grupos, os ciclistas, as notícias; tudo quanto o mundo pensa e diz acerca do clube, está ali dependurado! Para coonestar, também está o Manuel dos Santos, de toureiro, e um *santinho*.

Até aqui, nada que mereça reparo, mas agora, aonde eu começo a reparar, é nesta que acabo de ouvir na cozinha; desejando o Bernardino e outros *sportinguistas* dependurar os seus, vêm de lá os três cozinheiros — se cá pões alguma coisa queimamos tudo! Ora a Inquisição já foi. Mais; eu acho muito bem que todos tenham ali os seus.

Não são todos *sportinguistas*? Se houvesse só um grupo, aonde o Desporto?

*** *Papagaio* fugiu. Eu cá andava admirado que *Papagaio* não tivesse ainda feito uma, ele que tem todo o jeito de as fazer todas. Mas chegou finalmente a desejada ocasião.

Fugiu. Era manhã cedo. Ao dar-se pela falta, toda a aldeia se comove; o *Papagaio* fugiu. Chegada a hora do jantar, os grandes não tinham o seu refeiteiro; foi o *Macaco*. O *Macaco* é que começou a servir. Enquanto o fazia, o chefe vem ao pé de mim declarar que o *Macaco* é um morcão e que se pedisse à senhora outro refeiteiro. E a notícia continua de tarde, à laia de caso do dia; *Papagaio* fugiu.

A tardinha, ouve-se uma reboada pelo campo de jogos acima. Eram dúzias e no meio de todos, o fugitivo. Vinha sem comer. Levaram-no imediatamente à cozinha e acabou tudo.

*** O Melo não é Melo; o nome dele é Arlindo mas, como o senhor que o trouxe se chama assim, ficou o rapaz com o seu nome. É o Melo.

Pois a senhora da cozinha, como ele não é ainda da escola, deu-lhe a obrigação de guardar pintalinhos. Muitas ninhadas. Muitos pintalinhos. Melo não gostou; e até houve de ser chamado a tribunal por suspeita de ter matado um, de mau. Com o andar do tempo, Melo afeiçoou-se à obrigação. Começa a interessar-se. Aonde ninhadas, aí Melo. Da varanda da Casa-Mãe, regalo-me de o ver ao pé dos seus "rebanhos". Veio o tempo em que uma das suas galinhas começa

a picar e a não fazer caso dos pintalinhos. Melo corre à senhora. Faz queixa. Esta foi e é professora. Sabe lidar com crianças. Compreende. Explica. Melo não aceita a doutrina e pede contas à galinha. Na sua linguagem infantil, fala. Ralha. Chama-lhe nomes. Toma-a pelas asas e pretende obrigá-la. Mas a galinha foge. Deixa os filhos. Não os aninha. Isto move naturalmente o coração do pastor. Melo andava triste. Contava aos seus companheiros. Nisto, a galinha foi vista por ele, muito bem aninhada no cesto aonde teve os filhos. Era o mesmo cesto. Ela era a mesma. Melo vai contar à senhora; não cabe em si de contente. Ela torna a ser boa mãe... E não foi. Não foi nada; primeira ovo! A galinha pôs o seu primeiro ovo, e larga o cesto a cantar.

Agora não. Melo hoje não compreende. Mas se ele crescer e viver na aldeia, há-de vir o tempo de recordar e ter pena de não ficar sempre pequenino...

*** Temos notícia de uma outra bicicleta pequena, para pequenos. Foi o caso que alguém, com pena de não chegar a tempo, pergunta se aceitamos outra e a resposta foi que sim senhor. Ora muito bem. Conhecedor como estava, dei a notícia. Estava uma rima dos mais pequenos, *Papagaio* à frente. Começo por explicar, para alguém nos vai oferecer nova bicicleta e esta com bomba e farol e campainha, tudo a espelhar. Os ouvintes escutavam, extasiados.

Bailavam bicicletas à frente dos olhos de cada um. Nisto acode o *Papagaio*.

— Se calhar isso é mas é treta dos senhores.

Não fazia conta com aquilo! *Papagaio* não tem razão. É possível que por onde ele andava tudo fosse treta, mas aqui não é assim. E defendi. Informei que era uma senhora.

— Isso então ainda pior!

ATENÇÃO A S. João da Madeira

Já lá vão uns anos desde que nos estabelecemos na ridente vila. A ideia, então, era de que este povo mal guiado, não teria de que tempo está muito sobrecarregado. E deram-me a lista verbal das obras sociais da terra. Nós eramos um asilo, na opinião dos meus informadores; e eramos um a mais.

Ora acontece que o tempo e os factos nos têm favorecido aquela opinião. Por mercê de Deus, o Lar do Gaiato é ajudado e ajuda. É uma obra catequística. O pequeno chefe da comunidade mantém e mantém-se em boa disciplina; quem não ama as trevas, vê e aprecia a irradiação da pequenina luz que hoje ali somos.

Não pesamos a ninguém. Podemos afirmar com verdade que comemos o pão com o suor do rosto. Somos ajudados, por mercê de Deus, sim; e pela mesma graça ajudamos. Exemplo: nós vinhamos de Coimbra, eu mais três rapazes, e era noite quando passamos na vila. Havia uma festa. Muito povo. Muitas bandeiras. Milhares de lampadas. Era o dia da independência. Parei e quando entrava numa casa com o sentido de telefonar, vejo na soleira da porta, aninhados e encostadinhos, dois andrajosos inocentes! Ao sair, estavam à roda deles, quem? Quem é que tomou conta? Os gaiatos que vinham comigo de Coimbra! Nós ajudamos, mercê de Deus. Outro exemplo: um dos nossos Pobres, pediu um guarda chuva ao Carlos Inácio, para se abrigar do tempo. Quando? Quando chove. Aonde? Dentro da sua casa!

Tanto bastou para que Carlos Inácio me pedisse e nós estamos com duas casas do Património dos Pobres em vias de conclusão.

Agora, necessitamos de quem nos ajude. A Câmara, ofereceu-nos terreno; quanto lhe não agraecemos! Do povo, esperamos peças de mobília, camas, loiças, roupas e provisões para o primeiro mês.

Da que nós necessitamos

Uma pavo. Temos necessidade de uma pavo. Anda o pavão sózinho, triste, a olhar; nem se arma! A companheira morreu. Alguém encontrou na rua uma joia. Procurava o dono por todos os meios e como não encontrasse e também é pobre, deu-nos metade. Um assinante do 1º ano manda 100\$ para o Barredo. Roupas de Ferreira do Zêzere. Mais 20\$ de Lisboa. Mais 500\$ da irmã da Maria e Julieta, falecida. Mais 20\$ de Lisboa. Mais de Família 1 000\$. Era meu desejo ajudá-lo, mas como o meu negócio é em pequena escala... Mais 150\$ da Angelina; estive a juntar. Esmolas ricas e preciosas! Mais 20\$ de Coimbra. Mais 20\$ para resgate dos meus pecados. A verdade de que um morreu por todos, não chega; é preciso dizer mais. É preciso ensinar que cada um tem de morrer por Ele. Mais 500\$ de Vila Nova de Ourém. Mais 700\$ de Fonte da Moura. Mais 100\$ para as crianças pobres do Barredo. Ali são todas. Mais de Mem Martins 500\$. Mais 200\$ para as nossas Conferências. Mais três contos para as nossas Conferências! Mais 100\$ que indevidamente e também de boa fé recebi. Isto é doutrina. Anda aqui a boa consciência. Mais um senhor que vem cá todos os anos no dia de S. José e traz figos e deixa uma pincada de dinheiro. Mais 50\$ de uns noivos que fazem hoje 18 anos de casados. Mais doutrina. Doutrina cristã. O Matrimónio é isto; noivos aos dezoito anos de casados. Mais 250\$ uma intenção particular. Mais 20\$ do Porto. Mais 50\$ da assinante 17978. Mais 500\$. Mais 75\$ no Lar do Porto. Mais 25\$ de Bendito seja Deus! Mais da Covilhã uma senhora de 90 anos faz e envia-nos alguns pares de peugas. Será talvez o último trabalho que faço, diz ela. Pa a ser o primeiro na Eternidade, digo eu! Mais da Mariinha G. ande uma caixa de vidros. Mais 20\$ de Braga. Mais de Coimbra 1 030\$. Mais do Estoril 1.050\$. Mais 50\$ de S. Gabriel. Mais 598\$50, emolumentos de alguém que os fez nossos, sendo seus. Mais 42\$ de alguém que sofre por não poder manter mais. Mais 50\$ da capital. Mais 200\$ de Ervedal da Beira; faz hoje 5 anos que nos morreu o nosso único filho. Nada que cure, sim, mas o Bem que se faça, m'iga, se e quando f'ito por Deus. Mais 20\$ de Celorico da Beira. Mais 100\$ de um casal ausente no Brasil. Mais 100\$ de I. hambane. O amor a uma causa, não conhece distâncias. Mais 20\$ de Casaldelo. Mais 500\$ de Luanda. Mais do Porto 50\$ para a viúva da Nota da Quins. na e se Deus quizer irá todos os meses. Vai sim; Deus assim o quer. Se não for daí vai doutro lado. Mais o menino José Renato, de Portugal, Angola, que sai para a rua com uma subscrição e arranja 500 angulares. Mais 50\$ de Lisboa. Mais 100\$ do Porto, por Santa Filomena e Santa Rita. Mais do Lobito 1.850 angulares de 42 portugueses. Mais 80\$ do meu jantar de confraternização em Amarante. Mais 50\$ de Lisboa para chegar às mãos da viúva de quem fala. Quem diz para aí que o homem é um ser material? Se assim é, como se compreende esta beleza? Mais 300\$ de Lourenço Marques

para as conferências. Mais 53\$40 de Lisboa. Mais da Granja 100\$ do primeiro dinheiro que ganhei. Mais 100\$ da Moagem da Granja. Mais um carregamento retirado do Depósito. Torna-se a recomendar que tudo quanto ali cair, cai aqui. Nada de aflições ou dúvidas. Mais do Porto 1.014\$. Aqui houve com certeza premeditação, a julgar pelo número impar. Se o crime premeditado aumenta a pena, também o mérito, na boa obra premeditada.

Mais 300\$ do Sindicato de Pannificação do Porto. Mais 50\$ do Porto. Mais de Vila Nova de Cerveira 210\$ o primeiro abono de família dos meus 3 filhos. Muito merece a obra a quem se pagam tão altas primícias. Mais 100 angulares de Angola. Mais 100\$; só agora dou fé de que se peui para indicar neste o número de registo, mas o envelope foi pró cesto! Mais 3 contos para as conferências. Mais outro tanto para o mesmo fim. Mais mil escudos e um anel antigo. Mais outro tanto sem anel. E mais nada.

VISITANTES

Os domingos continuam a ser maré de equinócio; e os gaiatos preparam-se. Manhãzinha, segundo a doutrina que o *Piolho* deixou, o *Manel Coco* arma a ratoeira; coloca um monte de livros numa estante e sobre uma outra, dúzias de postais da nossa aldeia. Tudo arranjado e espanado o rapaz abre a porta da sala e coloca-se no cimo da escada monumental, à espera.

Por outro lado, *Presidente* toma o seu lugar de chete de ciclonos.

De véspera reúne-se com eles e dá instrução; que é preciso explicar tudo de tudo. Pedir as inaturnas. Falar no livro. Não deixar ir embora os senhores em branco... Vem o domingo. Mais duas palavras, mais os lugares e ordem de sentido. É por volta das 3 da tarde que a maré costuma ser cheia. Os carros sucedem-se. *Presidente*, mal os vê despontar, nomeia o cicerone. Não o faz à toa. Nomeia o rapaz consoante o porte do automóvel; os mais esportos para o dia; mais portel *Presidente* acredita nas fichadas. Ora ontem, tarde alta, sobe a avenida um carro extraordinário: cor, aparato, linha; porte—tudo *Presidente* perde a cabeça e não manda ninguém; vai!

A importância do veículo, junta-se a dos seus ocupantes. De onde estava, eu via tudo. *Presidente* de-fazia-se.

Agora e logo parava. Levava as mãos em redor. Nta-se que pretendia enfiar a obra pelos olhos daqueles visitantes. Dá a pouco *Presidente* sobe ao meu e crítico. Vem triste. Vm confundido. *Nadr*, disse-me de, quase desesperado.

Espera-se que com estas e outras, *Presidente* venha a perder a fé nas fichadas.

Adquira o
II VOLUME
do «ISTO É A CASA DO GAIATO»



«Da varanda da Casa Mãe regalo-me de o ver ao pé dos seus rebanhos.»

Agora

De como foi a venda em Viana do Castelo

O pendão de hoje vai nas mãos dos senhores de *O Problema da Habitação*, os quais se reuniram em Conselho e deliberaram enfileirar com uma Casa. Isto é simplesmente precioso. É um toque de rebate às Empresas e às Companhias e aos Bancos e às Sociedades; e também aos Particulares que concreta e objectivamente podem. Os senhores fiquem sabendo que esta humilde procissão, pode tornar-se numa arma poderosa e eficaz no combate ao comunismo deles. De que maneira? Por esta maneira de fazer casas; assim se implanta o nosso. Ao pé vai um senhor com 30\$00. Ao lado, *uma alma que sofre* leva uma telha de 20\$00. Sim; recebemos uma carta registada. Uma professora oficial vai com um prego, 40\$00. A Beira Alta vai com uma telha, 20\$00. O José Afonso de Gaia leva um parafuso de 50\$00. A Maria Madalena outro tanto. Vai agora uma rapariga de trabalho, de Lisboa, com 500\$. Torna a *Minucha*. Coimbra leva mil; obrigado senhor doutor. Com que saudades não recorro os nossos tempos de visitador de Pobres em Coimbra. Hoje não. Hoje, não sou um naufrago, sim, mas vivo num mar agitado. Peço desculpa destas falas; oxalá ninguém repare. Nas procissões é silêncio. O assinante 1316 vai com 50\$00. A Deolinda com 20\$00. Lisboa com duas telhas de 60\$00. Chaves com 60\$. *Um assinante do 1.º ano* vai com uma telha de 100\$00. *Uma professora e mãe*, na mesma. Lourenço Marques vai aqui a um cantinho com um parafuso de 50\$00. A assinante de Vilar de Mouros fique sabendo que chegou cá tudo; pode dormir. Um *anónimo* vai com 40\$00.

Ora agora queiram afastar-se: «Aqui segue o produto do mês de Março que alguns funcionários dos escritórios da Chenop ofereceram para a Vossa grande Família.

Se assim o entenderem, nós gostaríamos de pagar uma das casinhas que se destinam ao Património dos Pobres. Bem sei que contribuimos com muito pouco mensalmente, mas temos fé que com a Graça de Deus outros se virão juntar a nós, e talvez ao ler no «Gaiato» a nossa iniciativa se empertiguem os funcionários das outras secções da nossa Companhia e queiram entrar connosco num desafio!

Portanto estes esc. 220\$00 deste mês, poderiam juntar-se ao que enviamos nos dois meses antecedentes para ver se já dará para começar os alicerces.

Sim senhor, mas eu até diria mais. Eu diria também os patrões. O funcionário mais próximo que peça licença de interromper por um pouco e entre e mostre e explique e proponha; e quando os souber em reunião torne lá; mais uma explicação. Crie-se na alma dos que podem a necessidade de dar; e cultive-se, até que ela chegue à volúpia.

Juntando isto de hoje ao do número derradeiro, faltam 808 contos para as cem casas.

Com esta é a terceira vez que eu faço as minhas aspirações, no jornal o «Gaiato». Como os senhores sabem o último jornal saiu mais cedo devido à Páscoa. O nosso Pai Américo queria que todos os vendedores viessem passar a Páscoa a Paço de Sousa. Nós fomos para Viana sexta-feira. Quando nós lá chegamos fomos ter com o senhor Zé Rancheiro. Este senhor é que nos diz aonde a gente deve ficar para o dia seguinte.

Por fim levou-nos a casa do senhor Faria Barbosa. Este senhor também pertence à conferência de Viana do Castelo. Como não cona-se connosco nesse dia já tinha ceado. Para não estar a fazer de novo a ceia, levou-nos a uma pensão. Ali é que foi comer atestado! O primeiro foi sopa de repolho com feijão, o segundo foi lampreia com arroz, o terceiro foi batatas assadas com carne. E, ainda no fim rabanadas, e vinho maduro. Foi uma ceia muito atestado! Eu gosto muito de contar isto aos nossos queridos leitores que me escutam, para que vejam que todos nos querem bem... E, ainda antes de ceiar o senhor levou nos a visitar o Santíssimo. Nessa noite todas as pessoas religiosas visitavam as igrejas. No dia seguinte não havia missas como costume, o que nos valeu foi uma grande feira que lá houve. Os combóios vinham cheios de gente para Viana. Tudo para a feira. Isto tudo se passou... Também as lojas estavam abertas. Nós os dois um por cada lado correndo as lojas, e assim resolvemos o problema. Com o nosso pequeno esforço vendemos os jornais todos.

Chegou o meio-dia. Fomos comer a casa do mesmo senhor que eu já falei. Como os senhores sabem não comemos carne, porque era jejum mas também comemos muito bem: era uma misturada de bacalhau e de batatas, etc.

Agora vou fazer uma pergunta aos queridos leitores.

Porque será que este senhor e outros, nos querem com tanto carinho e nós não lhes pertencemos nada? E ainda mais, Este senhor levou-nos a uma pensão e nos tratou com tanto carinho?

DE COMO CORREU A ÚLTIMA VENDA

Muita chuva, mas estes rapazes andam afeitos ao tempo. O Preta, que dantes era das casas e hoje é das oficinas de alfaiate; o Preta, digo, tinha-me pedido que escrevesse eu o meu nome em três livros que ele me traria 500 escudos. E eu assim fiz e ele assim fez! Andamos certos Certinhos. Se os senhores quizerem mais, é só falar...

Desta vez Bernardino entrou no Banco Ultramarino e conquistou cada um dos seus funcionários. Foi uma hora cheia. Tomar e Albertino, em Braga, comeram em casa da Senhora do Mel. Diz ele que foi arroz e sardinhas e ovos e laranjas e massa e merendal. Que tiveram rádio! Vai-lhes melhor a eles do que a mim. O Preta, em Famalicão, comeu em casa do senhor Abel, dono do hotel.

Segundo ele, foi caldo de repolho com cenouras e bifes com batatas assadas e doces e café e rádio! Se não fosse por vergonha eu também ia vender: café, doces, rádio! Todos os mais cumpriram.

Se houver algum dos nossos leitores que medite um bocadinho sobre estes casos e me queira responder a estas duas perguntas era grande favor.

Agora dou graças aos vicentinos de Viana por já terem conseguido duas casas para os pobres. Nosso Senhor os ajude.

Agora falo um pouco sobre futebol. Os senhores repa em para a categoria do Sporting que ganhou o campeonato nacional. Este meu clube tem muita honra, porque chegou a ir em 9.º lugar e por fim ganhou o campeonato!!! Meus senhores, dá gosto a gente acudir assim por um clube. E, agora, fco votos para que o Sporting alcance muitas vitórias.

HELIO

DOCTRINA

Aqui de onde escrevo, vejo na encosta da mata uma data de trabalhadores ocupados com muros de suporte, terraplanagens e depósitos de água. Aqui de onde escrevo não vejo, mas sei que an lam outros tantos ou mais, ocupados em obras nas Casas do Gaiato de Miranda e do Tojal. E ainda, sem os ver, eu vejo outros trabalhadores em mais terras do País, a erguer casas do *Património dos Pobres*. Isto parece um desvio escandaloso do fim primário da Obra. Nos estatutos, nada há que justifique. O cuidado da população das casas, é matéria obrigatória dos nossos trabalhos. Para quê outros?

Porém, nós temos necessidade de pão e eu não sei de outra forma de conseguir, que isto de o dar aos outros. Daí as obras da nossa Obra, que não podem nunca terminar.

Pouco antes do meio dia, começam a entrar mulheres com açafates à cabeça. É o caldo dos trabalhadores. O sino da igreja dá as doze. Os homens despegam. As suas mulheres já estenderam a toalha na relva e estão prestes a servir. Num instante e onde cada um escolhe, firmam-se dezenas de grupos, que se poderiam chamar *picnics*, se aquilo não fosse uma coisa muito séria. É a presença de Deus! Entre os jovens, o homem segura um covillete, de onde tira garfadas. Ao pé, coloca a esposa uma fatia da boroa que cozeu ontem à noite, e de onde ele parte e come quanto quer. Outra coisa, não, mas o pão é pão. É deste pão que eu desejo dar... para ter fatura de pão. Deste pão, que é a economia dos trabalhadores. Deste, sim, que constitui a verdadeira riqueza de uma nação. Estes operários que eu vejo a comer o caldo na mata e à noite outra vez em casa, são outros tantos retirados às legiões de famintos ou subalimentados. A um perguntei eu se o jornal lhe dava. Que sim. *Compramos o pão e o azeite e ainda guardamos algum para quando não há trabalho.* Ora da suficiência deste e outros a quem ajudamos, é que procede a espantosa abundância em que vivemos. Não se procure; não se vá a outra parte; a causa é esta. Está escrito. Se assim não acontecesse eu seria pelo mundo fora a negar o Eterno, assim como fazem os detentores de fortunas improdutivas; os que entesouram e mais nada; os que se desligam da sorte dos seus irmãos; os que empobrecem e matam o semelhante. Estes negam o Juízo Final, muito embora com seus lábios digam que Deus existe.

A VACA DA CONFERENCIA

Júlio em nome dos vicentinos, vem me falar do problema do leite para os pobres que eles visitam, e também, ao mesmo tempo, fala-me das crianças que as mães trazem ao colo. O rapaz vê, aflige-se, compreende a fome embrionária: nós temos de fornecer mais leite e estamos aqui todos para nos dar licença de pedir uma vaca que seria chamada a vaca da conferência.

Sentado numa cadeira do chamado meu escritório, ouvia. Antes quero ouvir do que dizer. Júlio prossegue. Um lactário é que havia de ser; e imediatamente passa a explicar-me todas as teclas do seu funcionamento. Cada palavra sua, era uma pedra viva de uma construção viva. Eu continuava silencioso. E' tudo obra do Pai Celeste. E' ele quem dá o crescimento.

Lactário não. Não podemos dispor de tempo nem temos os precisos. Nós somos o que somos, para um fim determinado; não confundamos essência com acidentes. Mas podemos, sim, acidentalmente, aumentar a ração e aceitar mais frequências de leite à própria vaca faz de lactário. Melgaço e António de Arouca, tiram da fonte para as vazilhas.

Aqui em casa não há idólatras. Ninguém adora vacas. Mas esta da conferência há-de necessariamente ser tratada com mais carinho, por ser ela a fonte de alimento. Leite!

Aqui está o comunicado. O Sérgio é capaz de comprar uma vaca de boa pinta. Cinco contos. Isto não é uma procissão. Não há prestações. Alguém que já mereça ou deseje merecer mais a Deus, fale à vaca.

Conferência da Nossa Aldeia

É verdade mais que sabida — a caridade não morre. Dizemo-lo nós e com mais explicações os nossos leitores.

Veja-se a bicha dos que acudiram ao nosso grito de desespero... Na verdade, a caridade não morre. Porque? Há quem solta e gema à míngua por subsistência. O corpo está doente.

Ora então prestem-nos um nadinha de atenção: «Tendo vendido umas roupas que eram da minha Mãe, destinei desde logo o produto para os pobres. Li no último Gaiato que a Conferência da Nossa Aldeia devia uns contos de reis de medicamentos, eis a razão porque resolvi mandar-lhe 1.000\$00 para ajuda.»

Sim, minha senhora, esteja descansada, em todas as reuniões vicentinas, semanalmente, erguemos as nossas mãos a Deus agradecendo o que nos possibilitou, para minorar a miséria dos nossos irmãos.

Mais do Porto 20\$00; é da Rua Miguel Bombarda. Muito pertinho, de Rio Tinto, quinze escudos. E mais e ta carta:

«Para a Conferência de Paço de Sousa. Que Deus me ajude para poder enviar todos os meses 20\$00 para a Conferência.» Que bom!

De Lisboa, alguém envia 30\$00. Outra vez da Capital, agora com 50\$00. A sempre nobre, leal e invicta cidade do Porto, marcha com 500\$00. Um anónimo de Lisboa contribui com cento e vinte mil reis.

«Estou a acreditar do leite, sou muito doente, quase não posso sair de casa e quando saio, é de braços, peço-vos uma oração pelas minhas melhoras; tenho fé que Deus vos há-de ouvir.»

Li o vosso apelo para a vossa conferência e envio 500 escudos para ajuda do deficit e auxílio dos nossos Pobres.» O Heroísmo!

Um transmontano remete-nos 100\$00 em cumprimento duma promessa — para medicamentos. Não quer nome nem terra de procedência, pois tem necessidade de me conservar no maior segredo. Outra vez Lisboa, é um senhor com nome de nomeada e cinquenta escudos!

Ainda não ficamos por estas bandas; vamos mais longe:

«Quero eu abaixar um nadinha o „deficit“ da Conferência Vão 50\$00. É pouquinho, mas Deus há-de permitir que em breve siga mais.»

Uma Senhora de Penafiel segue com 10\$00! Outra de Anadia vai com vinte escudos. Do Sr. Genesi, do Porto, para os pobres, quarenta escudos. Será estrangeiro?

«Junto uma notinha para ficar em 2.950\$00 o deficit da Conferência da nossa aldeia.»

Mais nada, a não ser um muito obrigado, e esperanças de que em breve deitemos o deficit pela porta fora... Eis o nosso desejo e dos Pobres. Júlio Mendes

Tribuna de Coimbra

Abre esta o Governo Civil de Coimbra com 250\$00; e um sacerdote a pedir a um vendedor para ir a sua casa buscar roupa. O rapaz foi e veio carregado com roupas pagas. Como cá na casa só a mim serviam parte das coisas, fui eu o mais contemplado. Mais roupas usadas; mais dois fatos Paues e calçado no Porfírio Delgado; sapatos e roupas no mesmo sítio; livros e 270\$00 de assinaturas lá também; e cinquenta ainda lá; e cem no mesmo senhor. 340\$00 de assinaturas de Cantanhão; roupas da mesma terra; e cento e vinte também de lá; vinte em acção de graças; uma senhora por duas vezes com roupas e 50\$00 de cada vez para nós e para a Conferência. Coisas escolares e uma malinha; o *comimbricense* do Porto com as cotas para a conferência em dia; bolos arroz e amêdoas da União de Mercarias Mirantense; 120\$00 num envelope a pedir orações por al na do filho. O *doutorinho* de Mira no dia dos seus anos a pedir ao pai que se não esquecesse de seus irmãos gaitos e tivemos cem; e discos de gramofona e cinquenta da mesma terra. Visitantes com cinquenta; e o mesmo a um vendedor. Mais dois puloveres da *alfandeguense*. Estou certo de que esta senhora aproveita todos os momentos bem atendendo ao que nos manda. Um banco de capinteiro; lenha velha de um amigo muito amigo; *tome lá dum sacerdote* que foi ao Lar; uma camisola de Lisboa para um *gaiato mais friorento*; são todos, no inverno. Roupa da Trémoa; mais roupa e 125\$00 do 7.º ano do Liceu; uma família visitante com cem; vinte para a conferência e o mesmo a pedir uma missa por alma da mãe, *de uma apaixonada pela Obra da Rua*. Só assim se explica. Uma senhora deixou quarenta; mais um fato; mais visitantes com cinquenta. Roupas para os nossos rapazes da mãe de Ilhavo; mais roupas dum senhor; roupas usadas da senhora de muitas vezes. Dois sacos de batatas e agora 50 litros de vinho e 2 lqueires de feijão do senhor Doutor aqui muito citado. Pneus usados dum senhor que mandou buscar; mais pneus de Paraimo; livros usados a um vendedor; visitantes com duzentos: cinco para a conferência e vinte para celebrar uma missa por alma de Maria e agora o mesmo e a intenção era por alma de Clotilde. Vinte para os pobrezinhos e dez para a cancerosa e revistas para os doentes *duma figueirense*. Ela tinha a pobre da Curraleira em Lisboa que já deixou a terra dos vivos. Visitantes com 212\$00 e lembranças para os rapazes.

PADRE HORÁCIO

Em distribuição

«Isto é a Casa do Gaiato» II VOLUME

Não se reserve para a última hora! Assim como o primeiro, o segundo volume esgotar-se-á rapidamente!

Faça hoje o seu pedido num simples postal à Editora

Tipografia da Casa do Gaiato
PAÇO DE SOUSA

PELAS CASAS DO GAIATO

PORTO Decerto que os nossos leitores e amigos, têm estado admirados da au ência da nossa crónica no Gaiato. Ma- tal au ência foi motivada devido às eleições da Mesa da Conferência e tal cargo ter sido ocupado por outro confrade, o qual não pode dar seguimento, em virtude de dentro de dias se ausentar para África. Por isso, cá estou de novo a dar notícias do andamento da conferência, de como vão os nossos pobres, suas e nossas dificuldades e outras notícias.

A nossa conferência caminha a passo firme para aquele aperfeiçoamento que nós desejamos, amparando moralmente e materialmente os nossos pobres, que dia a dia acorrem lamuriosos contándonos as suas dificuldades, ao que nós procuramos remediar da melhor maneira.

Actualmente lutamos com falta de rapazes vicentinos, pois alguns deles ausentaram-se fazendo assim falta à nossa conferência.

Por isso lutamos com essa falta, pois no nosso Lar a maioria dos rapazes são pequenos e alguns dos grandes não têm queda para a vida de vicentino. Contudo, o andamento vai bem, apenas nos entri-tece não podemos por ora, socorrer mais pobres como estava previsto, pela falta que atrás cito. Actualmente mudamos o sistema quanto à forma de dar a esmola aos pobres. Dantes ela era dada em dinheiro, mas como a maioria das conferências adopta o sistema de dar em géneros, resolvemos mandar imprimir uns cartões, os quais dizem por trás os géneros que devem levantar, juntamente com o carimbo da respectiva mercearia e da nossa conferência. Assim temos a certeza que a esmola que damos é gasta em bom proveito, o que talvez dantes nem sempre aconteceria.

Quanto aos donativos que temos recebido, não têm sido tantos como o que seria de esperar. No entanto, damos graças a Deus por terem vindo, embora a miúdo, mas a dar nos sempre a certeza que podemos continuar na nossa cruzada.

Também tem continuado o programa no Portuense Rádio Clube, o qual é transmitido todos os primeiros domingos de cada mês, em prol da conferência de Paço de Sousa e do nosso Lar. Este programa visa, dar conhecimento a todos os ouvintes da acção das nossas conferências.

A tal respeito, recebemos já algumas cartas de ouvintes, uns desejando ser vicentinos, outros elogiando o nosso programa. A tal respeito publicarei breve uma carta de um ouvinte.

Está assente levarmos os nossos pobres de visita aos seus irmãos pobres de Paço de Sousa.

Visitarão a nossa obra, e as casas dos pobres que eles tanto anseiam ver. Para já, contamos com a ajuda do nosso Pai Américo, que lhes dará de comer e também nos há-de prestar o Morris, para levarmos aqueles que não podem andar...

O passeio está marcado para Julho ou Agosto.

Também irão alguns vicentinos a Fátima representar a nossa conferência no 2.º Congresso Vicentino a realizar a 5 de Maio. Fomos convidados pelo Conselho Particular a fazer uma reunião numa das salas do quele Conselho. Lembremos todos aqueles que desejam ser subscritores da nossa conferência o façam enviando-nos um simples postal com a morada seguinte:

Presidente da Conferência do Lar do Porto — R. D. João IV, 682 — é o bastante, pois o cobrador no fim do mês lá vai.

Actualmente temos perto de 50.

Por último, lembro a todos que não deixem de nos ajudar pois disso beneficiarão os nossos pobres que pedirão para vós as benções de Deus.

CARLOS VELOSO DA ROCHA

PAÇO DE SOUSA A primeira notícia desta crónica é a dizer-vos amigos leitores, que a nossa desobriga pascal foi na quinta-feira santa.

Ao banquete eucarístico estiveram todos presentes desde o mais novo ao mais velho.

Antes da desobriga tivemos um tríduo de preparação pelo nosso muito amigo Rev. Dr. Avelino Soares.

E o Domingo de Páscoa chegou! Estiveram na Nossa Aldeia a já conhecida dos nossos leitores «Senhora dos em-

blemas» e seu marido. Esteve presente o Sr. Fernando Moura, do Porto. O Armando, que é o nosso serralleiro tinha embarcado no dia 19 para Tancos onde foi para o serviço militar, também esteve presente.

O almoço é que era a grande hora. Os batatas esperavam às portas para verem as amendoas. Era onze e meia começou-se a colocar no lugar de cada um o que lhe era destinado. A uma hora pouco mais ou menos tocou a sineta. E a malta juntou-se numa á.p.ce. Entraram no refectório e a primeira coisa que fizeram foi olharem para as suas amendoas, e então ouviram-se exclamações como esta: «Eh que bonitas! — Oh coisa, queres trocar uma branca por uma amarelal!»

E lá se foi o Domingo de Páscoa.

Já me esquecia de dizer que o compasso veio da parte de manhã e que correu todas as nossas casas de habitação. Depois de todos termos beijado a cruz, fomos ao pequeno almoço, seguindo-se a Santa Missa.

No momento em que escrevo esta, está o nosso Pai Américo a sair no nosso Morris. Vai a E-pinho casar um dos nossos antigos companheiros e muito conhecido pelo Famo-o. É o António Moreira (Periquito) que vai dar o último passo em frente.

Para ele e sua esposa vão as nossas maiores felicidades, e desejos de um lar muito feliz.

Uma nova modalidade desportiva se pratica na Casa do Gaiato de Paço de Sousa. É o quei em campo. Se houvessem patins seria o quei patinado, mas não há e cá se vai praticando em campo. Ultimamente tem havido desafios renhidos entre os tipógrafos e os carpinteiros, em que os primeiros levam a melhor.

Temos jogado com uma bola de pau; portanto se algum dos leitores quiser mandar uma própria, os tipógrafos agradecerem.

MANUEL PINTO

TOJAL As amendoas começaram a vir 15 dias antes. A excursão da Rua Renato Baptista deu-nos muitas. Uma Senhora do Buçaco mandou nos também 10 quilos, e de Lisboa veio mais outra remessa. Nós agradecemos muito.

Este ano tivemos também muitos ovos pintados. Foram as alunas do Liceu D. Maria Amália, que nos vieram visitar e trouxeram uma carrada deles bem como de mercearia e bolas. Nesse dia foram elas que nos deram a merenda que fui de arrebeitar. Alguns ainda vomitaram com a fartura.

Não esquecemos os pobres da nossa Conferência. Além da esmola habitual todos tiveram um punhado de amendoas e 20\$00, e o Carlos do Porto mandou-nos para eles 500\$00 que muito agradecemos.

Quanto à parte religiosa fizemos a nossa desobriga em Quinta-Feira Santa, e assistimos à missa da meia noite no sábado da Aléluia.

Temos agora cá por dois ou três meses um mudo. O mulato estava a brincar com ele na aula.

Chegando a contas o mulato desculpa-se assim: era o mudo que estava a falar!

A hortaliça da nossa quinta não tem rendido nada. Quem campou foi o gado que tem comido à farta.

Um senhor aqui do Tojal, aborrecido com a praça de Lisboa, mandou para cá 15 carradas de couves. Agora o que está a animar mais um pouco são as favas e as cebolas, que foram vendidas na terra por dez contos. Ainda bem que se fez este dinheiro para pagar o prejuízo das couves e das batatas. Os animais também estão a dar algum resultado. Aqui há tempos vendemos um grande carneiro e seis ovelhas, agora foram cinco porcos. Uma vaca teve um vitelinho e outra teve outro já morto.

A marrã teve uma ninhada de 11 leitões dos quais dez estão muito lindos. Também estão a nascer todos os dias patinhos, pintos, perus e coelhos.

Já me esquecia, a gata também teve filhinhos na rouparia em cima da roupa lavada.

CARLOS ALBERTO LOPES

EM LISBOA

Como tivéssemos uma hora livre naquele dia, P.º Adriano mais eu resolvemos ir aonde o *Vera Cruz*, que continuava patente a cs de bom gosto e de boa vontade. Chegamos. Adiantei-me o homem do portaló disse-me que não. P.º Adriano acode: *olhe que é fulano*. Nada valeu. Não me foi possível entrar. Bem cedo se esqueceu P.º Adriano da Lição do Parlamento...

Uma vez no cais, comecei no bico da proa e acompanhei a estrutura até ao fim. Não cabia em mim de contente. Aquilo era uma coisa grande em toda a parte do mundo! Outra vez que o barco esteja e eu possa lá entrar, aproveitarei para ver por dentro e até essa ocasião, vou-me deleitando com as notícias do paquete.

Não é tanto aquela unidade que me dá gosto de ser português, como a sabia lei que permitiu e efectua o ressurgimento da nossa marinha mercante. A este paquete, muitos outros hão-de seguir-se. Antes deste, quantos se não construíram já. Dentro em pouco os construtores do mundo serão piás de batismo, aonde recebem o nome e se lavra o assento de barcos portugueses! Isto é consolador. Tudo isto passou pela minha alma enquanto ia percorrendo o formidável dorso do *Vera Cruz*.

Grande inspiração aquele decreto do Fundo da Marinha Mercante. Aqui se admira a inteligência dos homens. Sem empo brece ninguém, torna-se rica uma Nação, com todo o seu povo. A nossa bandeira, hoje por toda a parte, diz bem de Portugal. Não haverá mais os chamados *reis* da marinha mercante, e esse é justamente o mais estupendo benefício e sábia medida da Lei Hoje, todos participam das facilidades de um caminho aberto, que nos leve em todos os sentidos, às terras da Nossa Terra. Dantes não era assim.

O NOSSO LIVRO

Já há muito que se sabia, porém, hoje, com o andar do segundo volume do *Isto é a Casa do Gaiato*, compreende-se melhor que o homem não é só matéria, que não acaba no cemitério e que tem naturalmente horror ao Nada. De forma que, não façamos aqui um reclame do livro, nem isso me ficaria bem; cantemos, sim, um hino ao homem espiritual.

Com este homem pacífico e sequioso do Belo, quanto se não poderia fazer no mundo! Se ele, este homem espiritual, se deixa assim prender às coisas pequeninas de que o livro é feito, como não estaria pronto para as grandes, quando Divinas? E porque não havemos nós todos de falar verdade uns aos outros como nos falam a nós as coisas da Natureza?

Metade da edição dos 5.000 já está distribuída e só temos a dizer bem de quem recebe o livro; quase sempre vem a resposta na volta, algumas eloquentes e todas de muito boa vontade. O «Barredo» está correndo na máquina grande. Manuel Pinto pouco mais faz do que inscrever pedidos nas fichas do *Piolho*. Os senhores não tenham medo. Desta feita não se espera que alguém veja a ficar em terra. A edição é de dez mil. Ele é verdade que Júlio veio agora mesmo aqui ter comigo — *E' preciso malhar; malhe prá frente!* Mas eu não me parece. O livro basta. O livro é que malha.